

Notícias Gerais - De cabeça para baixo

Parece que o desgosto, na crença popular atribuído ao mês de agosto, resolveu dar as caras apenas em setembro. O apelo do risco premiado perdeu força e foi praticamente impossível superar a variação de 0,90% do Certificado de Depósito Interfinanceiro (CDI) no período.

Após o Ibovespa ter apresentado a maior alta desde janeiro de 2012 e ter cravado uma sequência de três meses seguidos de ganhos, a bolsa penou e amargou queda de nada menos que 11,70% no mês passado, levando o índice a voltar para os 54.116 pontos. Com isso, em 2014, o Ibovespa sobe apenas 5,06%. Já o dólar reinou e disparou em setembro, com apreciação de 9,38% sobre o real - a maior para o intervalo desde setembro de 2011 -, retomando o patamar de R\$ 2,45. Com o desempenho, a moeda americana passou a acumular alta no ano, de 3,90%.

O aumento da aversão a risco também atingiu em cheio a renda fixa, especialmente os títulos públicos de maior vencimento, que embutem mais risco, como as NTN-Bs, indexadas à inflação. Os preços de papéis com prazo mais dilatado, de 2045 e 2050, caíram 9,68% e 10,48% em setembro. A maior queda, de 14,82%, foi registrada pela NTB-B Principal de 2035, que pagava ontem taxa de 6,28% (mais variação da inflação) no Tesouro Direto, programa de venda de títulos públicos a pessoas físicas. Ainda assim, os papéis seguem acumulando forte alta no ano, na maior parte dos casos de dois dígitos.

A volatilidade aumentou no mês, mas o pano de fundo não mudou: cena externa, com foco na política monetária americana, e eleições brasileiras. Nos Estados Unidos, os mercados continuam se movimentando conforme a expectativa de início do aumento dos juros. A perspectiva de antecipação da elevação tem provocado oscilação na curva de juros do país (e como consequência afetado outros mercados mundiais), assim como tem estimulado um movimento global de apreciação do dólar.

"Alguns economistas estão puxando o movimento de alta de juro para o primeiro semestre ou trimestre [de 2015], então há uma fuga de [mercados] emergentes e desenvolvidos em direção aos EUA", diz o sócio-diretor da gestora especializada em ações Brasil Capital, André Ribeiro. E as preocupações com a desaceleração chinesa também contribuem para um cenário mais nebuloso, afirma.

Na cena interna, a indefinição política voltou a influenciar o posicionamento dos investidores. Se um mês atrás o mercado financeiro se animou e colocou no preço o crescimento da candidata Marina Silva (PSB) nas pesquisas eleitorais, em setembro a presidente Dilma Rousseff (PT) recuperou espaço nas intenções de voto e provocou uma correção dos ativos. Na última segunda-feira, o vínculo político ficou bem nítido com a forte baixa (- 4,52%) da bolsa em meio à especulação sobre uma eventual vitória da candidata petista já no primeiro turno.

De olho na definição das eleições em outubro, gestores e analistas de mercado reforçam as preocupações com o último trimestre de 2014. "Com a perspectiva de valorização do dólar, o cenário de fato inspira bastante cuidado com a bolsa. Continuamos a ver o momento como de cautela e, nesse ambiente, procuramos ter investimentos em empresas que sejam resilientes a um cenário macroeconômico muito ruim ou que podem se beneficiar com a eventual alta do dólar", comenta Ribeiro.

A Brasil Capital tem como política investir com o foco no médio e longo prazo e leva em consideração uma análise mais microeconômica. Na visão do sócio-diretor, empresas com receitas atreladas ao dólar que vêm sofrendo nos últimos anos podem estar em pontos relevantes de inflexão com a mudança de patamar do câmbio, mas é fundamental analisar o peso da China sobre seus negócios. No portfólio da gestora constam nomes como BRF e Dufry, que tendem a se aproveitar do quadro macroeconômico corrente.

O superintendente de gestão de carteiras da Mapfre Investimentos, Carlos Eduardo Eichhorn, também enxerga potencial de apreciação nos papéis de exportadoras. E ressalta que o momento é de analisar e reavaliar empresas com alto endividamento em dólar. "Estamos preferindo o conservadorismo no caso dessas empresas e aumentando a posição nas companhias com faturamento em dólar como diversificação de risco", afirma.

Em setembro, foram poucas as ações que escaparam do pessimismo que tomou conta do mercado acionário brasileiro. Apenas nove papéis encerraram o mês no campo positivo, com destaque para Oi PN (20%), Fibria ON (15,29%) e Embraer ON (10,93%). Já as principais baixas partiram das ações Banco do Brasil ON (-27,04%), PDG ON (-26,17%) e Rossi ON (-23,94%). Os papéis PN e ON da Petrobras também foram no embalo e caíram cerca de 22%.

No fronte cambial, com o salto da moeda americana, Eichhorn considera interessante ao investidor pessoa física com viagem em vista ou dívida em dólar procurar um instrumento para se proteger da apreciação ainda esperada, como fundos cambiais.

Já na renda fixa, com a forte correção vista em setembro, o momento pode desencadear pontos de entrada. "Vemos grandes oportunidades começando a aparecer agora no mercado de juros", afirma o superintendente da Mapfre Investimentos.

A preferência da gestora está em títulos prefixados com vencimentos entre 2017 e 2019. As LTNs de 2017 e 2018 pagavam ontem 12,45% e 12,54%, respectivamente, no site do Tesouro Direto. "O mercado está começando a ficar interessante, mas está muito volátil. E achamos que essa taxa de juros pode subir mais", ressalva Eichhorn. "O momento é de cautela, mas, de olho no médio prazo, essas taxas podem ficar atrativas."

Carlo Moratelli, diretor de investimentos da gestora de patrimônio More Invest, também está atento às oportunidades geradas pelo forte ajuste de setembro. Com um olhar voltado para o retorno no longo prazo, ele ressalta que os momentos de estresse despertam seu interesse, já que os prêmios de risco aumentaram e a bolsa está negociada a múltiplos menores.

"Você só vai conseguir retorno quando alocar com mais risco. Vamos ter muita volatilidade, mas quem tiver capacidade de aguentar deve alocar. Mas não de uma vez só", reforça.

Num horizonte de até três anos, Moratelli vê com maior atenção a classe de ativos de bolsa, mas prefere se posicionar em fundos e não nos papéis diretamente. "Pelo baixíssimo nível hoje de alocação, uma chance para começar em renda variável está nos fundos 'long biased', que vão adicionar risco ao portfólio", afirma.

Jorge Simino, diretor de investimentos da Fundação Cesp, por sua vez, mostra maior reticência ao ambiente conturbado e prefere adotar maior conservadorismo no momento. "Temos aumentado nossa posição de caixa", diz, em referência a aplicações de curtíssimo prazo.

Em sua avaliação, o mercado brasileiro tem o costume de valorizar questões domésticas e pode estar subestimando os riscos de fora, principalmente os atrelados às decisões de política monetária. Simino chama atenção para as declarações recentes de Mohamed El-Erian, ex-executivo-chefe da Pimco e atualmente o principal assessor econômico na Allianz.

Em entrevista concedida ao "Financial Times" na semana passada, ele advertiu sobre os perigos à espreita do mercado de renda fixa. "A busca por rendimento é tanta que basicamente não se espera qualquer pagamento por risco de liquidez. Isso me preocupa muito", afirmou.

Simino concorda e não vê o retorno compensando o risco embutido no cenário atual. Por isso, mantém uma exposição baixa em renda variável.

Para o diretor de investimentos da Fundação Cesp, apesar da posição "comprada" (aposta na alta) em bolsa, o próprio investidor internacional está atento aos riscos. No acumulado do ano até o dia 26 de setembro, o saldo de atuação do estrangeiro na Bovespa estava positivo em cerca de R\$ 21,4 bilhões. Já no mercado futuro, o investidor não residente estava comprado em cerca de 69,7 mil contratos futuros de Ibovespa - o total já chegou a 111,4 mil contratos em 18 de agosto.

"Os fundos dedicados têm a questão do câmbio a seu favor. Fazer uma aposta em Brasil, ainda que modesta, está compensando o risco. Mas os fundos globais continuam fora do mercado", defende Simino.

Fonte: www.valor.com.br/financas

Educação Financeira - Adiar a previdência afeta até 80% do benefício

Com base na taxa básica de juros Selic atual (11% ao ano), adiar o primeiro aporte em planos de previdência complementar para depois dos 40 anos pode diminuir em até 80% da renda do benefício futuro, em relação aos aplicadores que começaram aos 25 anos de idade.

Num exemplo simples, um jovem que começa a poupar R\$ 100 por mês aos 25 anos para uma aposentadoria aos 65 anos consegue acumular um patrimônio de R\$ 732,838 mil, ou o equivalente a uma renda mensal vitalícia de R\$ 3,664 mil, descontada a inflação.

Mas se a pessoa adiou o primeiro aporte para os 40 anos, a mesma contribuição de R\$ 100 por mês resultará na idade de 65 anos, um patrimônio de apenas R\$ 144,1 mil, cujo resultado é uma renda mensal vitalícia de R\$ 720,50 descontada a inflação do período, 80% menor em comparação se tivesse começado a poupar 15 anos mais cedo.

Para o representante do Comitê de Educação de Investidores da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), Aquiles Mosca, também executivo da Santander Asset, essa consciência de poupar mais cedo exige educação financeira e trazer o senso de urgência ao presente. "As pessoas não estão com a noção de urgência, frente o desafio de conquistar sua independência

financeira que a aposentadoria exige. A mente está voltada ao prazer imediato e ao consumo", diz.

Segundo Aquiles, a maioria das pessoas que compram planos de previdência VGBL [Vida Gerador de Benefícios Livres], PGDL [Plano Gerador de Benefícios Livre] o faz a partir dos 40 anos. "Em geral, as pessoas começam a trabalhar bem antes, por volta dos 20 anos, ou quando saem da faculdade, mas perdem praticamente 20 anos sem poupar para sua previdência", alerta o executivo.

Ele argumenta que nessa idade de 40 anos, as pessoas já possuem algum tipo de poupança, mas não aquela separada voltada à aposentadoria. "O veículo mais adequado para essa finalidade é a previdência complementar", aponta.

Fonte: www.dci.com.br



Reunião do Conselho Fiscal é realizada na JUSPREV

Foi realizada no dia 26 de setembro, a reunião do Conselho Fiscal da JUSPREV. Estiveram presentes a presidente do conselho Dra. Vera Grace Paranaguá Cunha, os conselheiros efetivos Dr. Otônio Ribeiro Furtado e o Dr. Wilson José Galheira, a gerente geral da JUSPREV Dra. Deborah Traldi Maggio, o representante da Aditus – Consultoria Financeira Guilherme Benites e o analista econômico Allan Nogueira.

Na ocasião os integrantes do conselho fiscal aprovaram as atas das últimas reuniões realizadas nos dias 24 de março e 27 de junho de 2014, realizaram a análise dos documentos contábeis e fiscais para aprovação das contas da JUSPREV, relativos aos meses de junho a agosto de 2014 e aprovaram o relatório de manifestação do conselho fiscal da entidade referente ao 1º semestre do ano.

Durante a reunião, aconteceu ainda a apresentação do relatório da política de investimentos referente ao 2º trimestre de 2014, elaborado pela Aditus – Consultoria Financeira.

Comitê de Investimentos realiza reunião na JUSPREV

Como forma de acompanhar permanentemente os investimentos onde está alocado o patrimônio dos participantes, realizou-se no dia 24 de setembro, na sede da JUSPREV, a reunião do Comitê de Investimentos. Sob o comando do presidente do Comitê Dr. Fábio Bertoli Esmanhoto, a reunião contou com a presença dos membros Dr. Marcio Humberto Gheller, Dr. Marco Aurélio Monteiro Tuoto, Dr. Francisco Zanicotti e do Analista Econômico da entidade Allan Nogueira.

Durante a reunião, foi realizada a análise das rentabilidades do fundo referentes ao meses de julho e agosto de 2014, bem como a explanação da Aditus – Consultoria Financeira e das Assets, BRAM – Bradesco Asset Management e DLM – Invista, sobre os resultados das rentabilidades e sobre as expectativas do mercado para os diferentes cenários econômicos após período eleitoral.

Você sabia?

Que pode deduzir até 12% da sua renda bruta anual, possibilitando a restituição do Imposto de Renda ?

A JUSPREV ajuda a planejar o seu futuro, e ainda possibilita a restituição do Imposto de Renda deduzindo até **12%** da sua renda bruta anual.

Solicite já o **APORTE**
na sua conta individual.

Data limite para realização do aporte
29 dez. 2014

O ano de 2014 vem apresentando bons resultados na rentabilidade da JUSPREV. Dessa forma, além da vantagem em deduzir até 12% no seu IR, os aportes "calibram" o seu plano ao longo do tempo, e quando for se aposentar, seu benefício poderá ser até maior daquele que planejou.

Formas para solicitar o aporte:



Enviando um e-mail
(jusprev@jusprev.org.br)



diretamente no
acesso restrito do participante,
no site www.jusprev.org.br



Central de Relacionamento
com o Participante
0800 052 3400

